

Sessão Coordenada 52 - **VIOLÊNCIA CONJUGAL: ESTUDOS SOBRE AGRESSORES E VÍTIMAS**

AVALIAÇÃO DE IMPACTO DE UM PROTOCOLO DE TERAPIA COGNITIVO COMPORTAMENTAL PARA O TRATAMENTO DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA CONJUGAL. *Luísa Fernanda Habigzang (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, RS, Coordenadora do Grupo de Pesquisa Violência, Vulnerabilidade e Intervenções Clínicas - GPEVVIC)*

A violência contra mulher apresenta alta prevalência e está associada ao desenvolvimento de sintomas psicopatológicos significativos. As principais formas de violência são física, psicológica, sexual, patrimonial e moral e a maioria das situações é perpetrada pelo companheiro da mulher no contexto doméstico. No Brasil, a lei Maria da Penha é a principal política pública para o enfrentamento dessa forma de violência e o acompanhamento psicológico para mulheres é um importante fator de proteção para minimizar os efeitos dessa experiência traumática. O presente estudo teve como objetivo desenvolver e avaliar o impacto de um protocolo de terapia cognitivo-comportamental para mulheres em situação de violência conjugal. Foi utilizado um delineamento quasi-experimental com pré e pós-teste. A avaliação psicológica foi agendada com 35 mulheres. Destas, 24 compareceram a todas sessões de avaliação psicológica (pré-teste) e foram encaminhadas para atendimento psicológico. Contudo, 11 mulheres concluíram todo o processo terapêutico e avaliações do pós-teste. As 11 participantes do estudo apresentaram média de idade de 42,7 anos (DP= 9,5) e 9% eram solteiras, 18% casadas, 64% separadas e 9% viúvas. Entre as participantes, 9% eram analfabetas, 9% não concluíram o ensino fundamental, 27% possuíam o ensino fundamental completo, 9% não concluíram o ensino médio, 27% cursaram o ensino médio completo, e 18% possuíam ensino superior incompleto. Os instrumentos utilizados para avaliação pré e pós teste foram: (1) entrevista inicial para coleta de dados sociodemográficos, (2) Inventário Beck de Ansiedade, (3) Inventário Beck de Depressão, (4) Escala de Satisfação de Vida, (5) Inventário de sintomas de stress em adultos e (6) entrevista semi-estruturada com base do DSM-IV para avaliação de transtorno do estresse pós-traumático (TEPT). As mulheres foram avaliadas em 3 encontros com frequência semanal, nos quais os instrumentos de avaliação foram aplicados. Após avaliação, as mulheres foram encaminhadas para tratamento individual. Foi utilizado um protocolo cognitivo-comportamental, desenvolvido para este estudo, constituído por 13 sessões com frequência semanal. O processo de intervenção foi dividido em quatro etapas conforme as técnicas empregadas: Etapa 1 – Psicoeducação e reestruturação cognitiva (quatro sessões); Etapa 2 – Exposição gradual às memórias traumáticas (três sessões); Etapa 3 – Resolução de problemas (duas sessões) e, Etapa 4 - Prevenção à recaída (quatro sessões). Após a conclusão do tratamento as mulheres foram reavaliadas. Os resultados indicaram a redução significativa de sintomas de depressão e ansiedade. Houve aumento significativo na percepção de satisfação de vida. Em relação às categorias de estresse, os dados sugerem uma redução significativa das fases de estresse. Não foram encontradas diferenças nos sintomas de TEPT. Tais resultados apontam o impacto positivo do protocolo de intervenção e constituem uma primeira evidência de efetividade. Estudos complementares com amostra ampliada e grupo controle são necessários para generalização dos resultados. O desenvolvimento de práticas baseadas em evidências de efetividade é fundamental para qualificar o atendimento psicológico para mulheres em situação de violência conjugal.

violência, terapia cognitivo-comportamental, avaliação
CNPq



Pesquisador - P
CLIN - Psicologia Clínica e da Personalidade

FATORES DE PERSONALIDADE EM MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA. *Antonio de Pádua Serafim (Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde – Universidade Metodista de São Paulo – UMEP, Coordenador do Programa de Psiquiatria e Psicologia Forense – HC-FMUSP)*

Em países como Brasil, o tema violência vem se configurando como um dos principais problemas de saúde pública frente ao registro crescente no aumento das taxas de mortes por causas externas nas últimas três décadas, em especial devido à violência (homicídios) e acidentes. Segundo a Organização Mundial de Saúde – OMS cerca de 1,6 milhão de pessoas morreu no ano 2000 como resultado de violência. Mais de 90% dessas mortes ocorreram em países em desenvolvimento. Em termos de violência sexual cerca de 20% das mulheres e 10% dos homens relataram ter sofrido algum tipo de violência sexual quando crianças. Já em relação à população idosa estes índices situam-se entre 4e 6%. A despeito das consequências, excluindo a violência sexual seguida de morte, temos a incidência das consequências psicológicas e comportamentais, déficits cognitivos, além dos quadros psiquiátricos como a depressão, os transtornos ansiosos, o abuso de álcool e outras substâncias psicoativas e as tendências suicidas. Apesar da pouca precisão dos dados disponíveis, há um consenso entre pesquisadores que os grupos populacionais mais vulneráveis a violência são crianças e jovens até 24 anos, idosos, mulheres e pessoas com transtornos mentais e deficiências. A violência contra a mulher também tem sido entendida como um problema de saúde pública dada à problemática em termos da saúde mental, já que são estimados índices de mortalidade, entre mulheres na faixa etária dos 15 aos 44 anos, superiores aos do câncer, da malária, dos acidentes de trânsito e da guerra. Neste cenário, vulnerabilidade é entendida como um processo dinâmico resultante de um conjunto de aspectos não apenas individuais, mas também coletivos e contextuais que associam precariedade econômica e fragilidade relacional. Segundo este modelo, as populações suscetíveis de demandar intervenções sociais estão não somente ameaçadas pela insuficiência de seus recursos materiais, mas também fragilizadas pela labilidade de seu contexto relacional. Visto isto, neste estudo estamos investigando a possível relação entre os fatores personalidade associado ao neuroticismo em dois grupos por meio da NEO PI (Inventário de Personalidade). O grupo experimental com 40 mulheres vítimas de violência doméstica advindas das Delegacias de Atendimento à Mulher da Região do ABC e da Cidade de São Paulo e Grupo Controle: composto por 40 mulheres advindas dos Municípios da Região do ABC e da Cidade de São Paulo sem histórico de violência doméstica. Os dados parciais demonstraram uma elevação da dimensão neuroticismo/estabilidade no grupo experimental. Pessoas que apresentam estas características tendem a expressar maior nível de ansiedade, humor variável, são mais sugestionáveis e passivas as pressões do meio, além serem emocionalmente instáveis.

violência doméstica, fatores da personalidade, neuroticismo

UMESP

Pesquisador - P

JUR - Psicologia Jurídica, Forense e Criminal

PERCEPÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA DE GÊNERO A PARTIR DOS AGRESSORES.

Gustavo Espíndola Winck e Marlene Neves Strey (Programa de Pós-Graduação em Psicologia da PUCRS, Porto Alegre, RS)

A proposta desta apresentação vem da iniciativa em expor e discutir tanto percepções acerca das relações de gênero, quanto como a própria violência de gênero, a partir da ótica e da ideologia daqueles que também fazem parte deste ciclo: os próprios homens, os quais, neste caso, sujeitos acusados de agressão contra suas parceiras. Esta proposta decorre de uma gratificante e frutífera experiência, oriunda do processo de confecção de uma dissertação, já defendida, onde foi esta temática apresentada. Tal atividade foi realizada em um fórum localizado na região metropolitana de Porto Alegre-RS, onde foram, então, conduzidas entrevistas individuais semi-estruturadas (com questões abertas) e grupos de reflexão sobre violência de gênero. Em termos de condução metodológica, os dados para a pesquisa foram obtidos não somente a partir destas entrevistas, mas também de notas em diário de campo e, por fim, de anotações relativas à participação dos mesmos em grupos de reflexão. O delineamento escolhido foi o qualitativo, sendo que, para a confecção e levantamento de dados, foi utilizado o referencial da Análise de Discurso. Um outro foco a ser abordado pela apresentação, será algo que foi também temática de um dos artigos originados a partir da dissertação. Diz respeito à experiência, em si, da coordenação de um grupo de reflexão com homens acusados de agressão, sendo esta realizada também por um homem. Ou seja, pretende-se abordar e compartilhar a experiência pessoal do coordenador/autor, enquanto também sujeito do universo principal constituinte das temáticas abordadas e refletidas no grupo: o universo da masculinidade. Sabendo-se que a violência de gênero é, também, produto (e produtora) de um vasto referencial histórico, cultural e ideológico, não há como a desvincular da constituição comum destes fecundos referenciais de masculinidade, enquanto parte de um universo comum e compartilhado por todos os homens (sejam agressores ou não). A partir daí, serão ressaltados alguns dos pontos principais (além dos resultados da pesquisa, em si), dentro dos quais, por exemplo, pode-se citar aqueles que fazem atentar e refletir sobre questões acerca da dificuldade do reconhecimento da violência psicológica (especialmente quando no ambiente familiar), da manutenção dos estereótipos históricos e ideológicos das relações de gênero, de como foi percebida e valorizada a rede de apoio social, e, ainda, da utilização da violência psicológica como um recorrente recurso de coerção e de manutenção das relações de poder - especialmente dentro do ambiente da conjugalidade. Pretende-se, com esta apresentação, estimular a reflexão e a importância do debate social acerca dos papéis de gênero dentro do grave e sempre atual contexto da violência de gênero, bem como ilustrar e trazer ao conhecimento como se mostraram as percepções sobre a violência e sobre as relações de gênero a partir dos próprios agressores em questão.

Gênero, violência, agressores

CNPq

Mestrado - M

SOCIAL - Psicologia Social

AGRESSOR DE RELACIONAMENTO ÍNTIMO: CARACTERÍSTICAS SOCIODEMOGRÁFICAS E ASPECTOS SOBRE SEU CONTROLE EMOCIONAL. Ms. Andgéllica Mirithua Schneider** e Dra. Gabriela Reyes Ormeno (Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR)

A violência entre parceiros íntimos é um tipo de abuso que atinge os casais e famílias de todo o mundo. O agressor de relacionamento íntimo é o ator social em voga que faz parte desse sistema familiar e necessita de um atendimento especializado tanto quanto a vítima e os familiares. A amostra foi composta por 15 homens presos na Casa de Custódia de Curitiba por cometerem crime de violência doméstica contra suas parceiras. O presente trabalho tem por objetivo: apresentar os dados sociodemográficos do agressor de relacionamento íntimo e verificar o seu controle emocional. Os dados sociodemográficos foram levantados por meio de entrevista com duração até de 1 hora. Para verificação do seu controle emocional foi utilizada a Escala Fatorial de Neuroticismo - EFN. O teste possui 4 fatores de investigação do controle emocional, dentre os fatores tem-se: a avaliação da Vulnerabilidade (aferindo a intensidade de sofrimento e a aceitação do outro em relação a si, questões de individualidade e de sensibilidade no convívio com outro); Desajustamento Psicossocial (averiguando aspectos sobre a agressividade/hostilidade, tendência a mentira/ manipulação em proveito próprio, vícios e a infrações sociais); Ansiedade (identificando a instabilidade emocional, variação de humor, disposição, perda de controle em situações inesperadas, impulsividade e transtornos de ansiedade) e Depressão (avaliando os padrões de interpretações que o indivíduo apresenta em relação aos eventos ao longo da vida). Os dados sociodemográficos apontam que a idade dos participantes foi de 23 a 50 anos, sendo a média de idade 33,53% com (dp = 9,27). O percentual dos principais tipos de agressão emitido contra a parceira foi de 10 (43,48%) agressão física incluindo atentado contra a vida, seguido de agressão psicológica 9 (39,13%) e agressão sexual em 2 (8,70%) dos casos. Em relação ao grau de parentesco com a vítima, a maioria dos agressores 11 (73,34%) era casado legalmente ou conviventes da parceira. Os resultados da EFN 8 (53%) dos homens apresentavam controle emocional adequado e 7 (46,66%) inadequado indicando algum tipo de transtorno de personalidade. Dos 13 participantes (86,66%) apresentavam comprometimento em pelo menos um ou mais fatores do neuroticismo, apenas 2 (13,34%) dos agressores não apresentavam comprometimento em nenhum dos fator. Os principais fatores de comprometimento entre os agressores foi a Ansiedade em 12 (80%) dos homens e o Desajustamento Psicossocial em 11 (73%) dos participantes. É imprescindível estudar o controle emocional dos agressores, uma vez que mais pesquisas nesta área possibilitariam averiguar se os aspectos relacionados ao controle emocional estão interligados com a dinâmica da violência.

agressor de relacionamento íntimo, dados sociodemográficos, controle emocional
Mestrado - M
JUR - Psicologia Jurídica, Forense e Criminal

CIÚME E ANSIEDADE EM HOMENS QUE AGRIDEM A PARCEIRA: UM ESTUDO COMPARATIVO. *Sidnei Rinaldo Priolo Filho** (Departamento de Psicologia – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP), Ricardo da Costa Padovani (Departamento Saúde, Educação e Sociedade/Campus Baixada Santista, Santos/SP), Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP)*

A violência contra a mulher é um fenômeno complexo. O presente estudo investigou a relação entre o ciúme demonstrado pela parceira e ansiedade por parte do agressor conjugal, comparando tais variáveis com homens não agressores de idade, nível sócio-econômico e escolaridade semelhantes. Participaram do estudo 40 homens adultos, sendo 20 com histórico de agressão à parceira e 20 não agressores, com aproximadamente, a mesma idade, renda e nível educacional. Com a anuência do Juiz, o primeiro autor acompanhou sistematicamente as audiências no Fórum de São Carlos envolvendo casos de Lesão Corporal Dolosa (LCD) de mulheres para, ao final das mesmas, apresentar a pesquisa e propor a participação do parceiro. Paralelamente, procedimento semelhante foi desenvolvido na Delegacia de Defesa da Mulher (DDM), com a anuência da Delegada responsável. Adicionalmente, o pesquisador divulgou a pesquisa em uma clínica particular de psicologia. Os interessados em participar da pesquisa agendavam horário para realização da entrevista. Em síntese, dos 20 participantes da amostra, cinco participantes foram contatados no Fórum, cinco na DDM e 10 em consultório particular. Para recrutar os participantes não agressores, o pesquisador solicitou que cada participante agressor indicasse um colega para participar da pesquisa, com semelhança de idade, escolaridade e nível sócio-econômico, porém sem histórico de agressão física à parceira. Metade da amostra de não agressores (Grupo NA) foi indicada por participantes agressores (Grupo A). A outra metade do Grupo NA foi selecionada a partir da divulgação da pesquisa na clínica particular de psicologia. Instrumentos utilizados na coleta de dados Roteiro de Entrevista Individual Semi-Estruturada da Família de Origem, Escala de Ciúme Romântico (ECR) e Inventário de Ansiedade Beck (BAI). Os instrumentos foram aplicados individualmente na sequência apresentada anteriormente em uma única sessão, com duração média de 70 minutos, sendo o horário e o local agendado de acordo com a disponibilidade do participante. Os grupos não se diferenciaram estatisticamente no que se refere à idade, escolaridade e renda ($p > 0,05$). Os grupos se diferiram estatisticamente no que se refere ao ciúme ($p < 0,001$) e a ansiedade ($p < 0,001$). Os achados reforçam a necessidade de o processo terapêutico do agressor e da mulher envolver a discussão do papel do ciúme no interior da relação de ordem íntima. Cabe lembrar que, a literatura tem apontado o ciúme excessivo ou patológico como uma variável de risco para o feminicídio. Participantes agressores apresentam grau de ciúme e de ansiedade mais elevados quando comparado aos não agressores. Sugere-se que variáveis como ciúme e ansiedade possam contribuir para a violência contra a mulher. Futuros estudos com amostras maiores podem aprofundar essa possibilidade.

ciúme; ansiedade; violência contra a mulher

Pesquisa de Pós-Doutorado Júnior do segundo autor financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Pós-Doutorado - PD

JUR - Psicologia Jurídica, Forense e Criminal



OBSERVAÇÃO DA INTERAÇÃO MÃE-CRIANÇA: A VIOLÊNCIA ÍNTIMA DO PARCEIRO AFETA ESSA RELAÇÃO? *Sabrina Mazo D’Affonseca** e Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams*** (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP)*

Ao longo das últimas décadas tem aumentado a preocupação dos pesquisadores em verificar os efeitos da violência íntima de parceiros (VIP) no relacionamento das mães com os filhos. Dados de pesquisa, na maioria estudos realizados internacionalmente, têm in

violência física conjugal; mães-filhos; observação

CAPES/CNPqDoutorado - D

FAMI - Psicologia da Família e da Comunidade